

ADOLF BASTIAN

Herbert Baldus

Professor da Escola de Sociologia e Política de São Paulo

Vida e obra

Adolf Bastian nasceu em 26 de junho de 1826 na cidade de Bremen. Era filho de abastado comerciante. Estudou direito na universidade de Heidelberg, depois ciências naturais e medicina em Berlim, Jena e Würzburg, doutorando-se em medicina em Praga, em 1850. Já no ano seguinte iniciou a longa série de suas viagens pelas mais diversas partes do mundo, encerrada só pela morte longe da pátria. Viajou, primeiro, como médico de bordo, visitando, até 1859, a Austrália, o Peru, as Índias Ocidentais, o México, a China, o arquipélago malaio, a Índia e a África meridional e ocidental. Depois de reunir numerosas observações em *Ein Besuch in Salvador* (1859), publicou, já no ano seguinte, sua obra básica em três volumes intitulada *Der Mensch in der Geschichte*. Passou os próximos cinco anos explorando diversos países asiáticos. Ingressou, depois, no corpo docente da Universidade de Berlim; criou o Museu Etnográfico desta cidade, o qual, durante decênios, foi o mais importante em seu gênero do mundo inteiro, e congregou, em colaboração com Virchow, os representantes de diversas disciplinas antropológicas numa associação como cujo órgão começou a sair, em 1869, a *Zeitschrift für Ethnologie*. A elaboração do material colhido na Ásia saiu nos seis volumes de *Die Völker des östlichen Asien*, de 1866 a 1871. Nesta época apareceram, ainda, várias outras obras mostrando a multiplicidade dos interesses de Bastian, a saber: *Das Beständige in den Menschenrassen und die Spielbreite ihrer Veränderlichkeit* (1868), *Beiträge zur vergleichenden Psychologie* (1868), *Sprachvergleichende Studien* (1870) e os dois volumes de *Ethnologische Forschungen* (1871-73). Em 1873 Bastian organizou uma agremiação para pesquisas na África Equatorial, empreendendo, no mesmo ano, a viagem inicial descrita em *Die deutsche Expedition an der Loangokiüste* (1874-75). Reunindo coleções para o Museu de Berlim, Bastian percorreu, de 1875 a 1876, o Equador, a Colômbia, o Peru, a Guatemala e as Antilhas (*Die Kulturländer des alten Amerika*, 1878, 2 volumes), de 1878 a 1880 a Índia, Austrália, as ilhas de Fidji e Havaí (*Die heilige Sage der Polynesier*, 1885), a Califórnia e o Iucatã, de 1889 a 1891 a Caucásia, Armênia, Turquestã, Índia e Austrália, de 1896 a 1897 novamente o arquipélago malaio, de 1901 a 1903 Ceilão e de 1903 a 1905 as Índias Oci-

dentais. A morte o surpreendeu na volta desta última viagem, falecendo Bastian, em 3 de fevereiro de 1905, com 79 anos, no hospital de Port of Spain, ilha de Trinidad, depois de breve enfermidade.

As idéias elementares

Bastian viveu para conquistar etnològicamente o mundo colhendo dados do maior número possível de culturas. Através da diversidade delas viu a homogeneidade da psique humana nas “idéias elementares” (“Elementargedanken”), das quais o septuagenário ainda afirma: “Não há mais remédio para quem, cego, não sente impostas à sua vista, nas paralelas que se cobrem umas às outras, as idéias elementares fincadas, imòvelmente com suas raízes férreas sôbre a vasta superfície da terra” (1898, p. 322). Efusão tão verbosa como esta caracteriza o estilo de Bastian, mas não esclarece, suficientemente, o que é “idéia elementar”. Isso achou também Karl von den Steinen (1905, p. 245) quando pediu ao seu mestre as explicações seguintes: A idéia elementar é comparável com o que o átomo era para o químico e a célula para o botânico. Pode ser abstraída dos conceitos religiosos e estéticos dos povos primitivos, das suas instituições sociais e de suas técnicas. O número das idéias elementares é relativamente pequeno, porque as possibilidades intelectuais mais simples são limitadas. São as idéias elementares as unidades primárias que constituem os organismos chamados “Völkergedanken” (“idéias dos povos”). Êstes se desenvolvem variando um do outro pela influência do ambiente físico (“província geográfica”). Bastian identifica o conceito “Völkergedanken” com o de “Weltanschauung” (“visão do mundo”), dando como exemplos a Weltanschauung indiana, a grega, a chinesa e a mexicana (ib., p. 244).

No seu capítulo sôbre Bastian, Lowie 1937, pp. 35-36) não entra em detalhes a respeito do assunto, limitando-se a resumi-lo dizendo que “por uma lei geral a unidade psíquica da humanidade produziu em tôda parte idéias elementares similares” (“by a general law the psychic unity of mankind everywhere produced similar ‘elementary ideas’”). No dizer de Mühlmann (1938, p. 68), Bastian chamou de idéias elementares “conceitos básicos homogêneos” (“gleichartige Grundvorstellungen”) de natureza religiosa, jurídica, social e estética, equipando-os com uma lei uniforme de desenvolvimento. Êste, porém, assume aspectos diferentes devido a influências recíprocas entre o homem e o ambiente físico, interação na qual surgem, criados por uma enteléquia social-psicológica e diferenciados materialmente pelo respectivo local, os chamados “Völkergedanken” agrupados em “geographischen Provinzen”. O investigador tem de esclarecer, etnogràficamente, essas “idéias dos povos”, abstraindo delas, então, as “idéias elementares” que, portanto, não têm nada de concreto (*ibidem*, p. 69). Como exemplos de “idéias elementares” concretizadas em certos povos cita Mühlmann (*ibidem*) as instituições de matrilinearidade (“Mutterrecht”),

do matrimônio experimental (“Probeehe”), da vendeta (“Blutrache”) e do asilo.

O líder da escola de “morfologia cultural”, Ad. E. Jensen (1963, p. 71), referindo-se à explicação do fenômeno das paralelas pela homogeneidade psíquica do homem, observa que o conceito da idéia elementar supõe um funcionamento mecanístico da alma humana, o que não é de estranhar para o século XIX, mas que hoje devia ser superado; acrescenta que a nebulosidade da hipótese bastiana sobre a psique unitária continua.

Bastian e o evolucionismo

Realizando sua obra na segunda metade do século passado, época em que o evolucionismo exerceu sua maior influência sobre o pensamento científico, não é de estranhar que também Bastian revele tendências que o fizeram receber de certos historiadores da etnologia o rótulo de evolucionista. Ainda recentemente, a autora marxista Irmgard Sellnow (1961, p. 38) o enquadrou como “idealista” entre os representantes daquela escola, indicando como característicos de todos eles “a suposição de um princípio imamente de desenvolvimento e de uma unilinearidade do desenvolvimento, assim como a transferência de métodos de pesquisa das ciências naturais para o campo de investigação histórica”. Sem dúvida, as “idéias elementares” são dotadas de forças evolutivas, reconhecendo Bastian diferentes degraus do desenvolvimento da psique humana (cf. Mühlmann 1938, p. 69). Basta lembrar que foi ele quem chamou de “criptógamos do gênero humano” (von den Steinen 1905, p. 245), isto é, plantas sem flor aquêles povos que seus patrícios alemães costumavam designar como “Naturvölker” para distingui-los, pela maior dependência direta da natureza na qual vivem, dos mais desenvolvidos “Kulturvölker”. No que diz respeito a uma orientação pelas ciências naturais é certo que Bastian, pela sua formação universitária e seguindo a corrente intelectual de seu tempo, queria opor uma psicologia empiricamente fundamentada às especulações da filosofia idealista. Inexata, porém, é a afirmação de Sellnow referente à unilinearidade do desenvolvimento. A “uniformidade” da lei de desenvolvimento das idéias elementares faz evoluir não em uma linha só, mas numa multiplicidade de formas as “idéias dos povos” nas “províncias geográficas”. Aliás, Mühlmann (1948, pp. 98-99), mencionando que Bastian, já pela sua vasta experiência etnográfica, não podia ser “evolucionista” no sentido de Spencer, observa que aquêle compreendeu o desenvolvimento como sendo “espiralado”, com isso se opondo às opiniões predominantes da época e se aproximando de conceitos atuais. Por fim, boa parte da obra de Bastian revela-se como contribuição ao estudo da história cultural de certos países e à formação de uma história universal.

Antecessores, adversários e sucessores

No dizer de Kaj Birket-Smith (1946, pp. 8, 10-11), já o seu patrício dinamarquês Jens Kraft, a quem chama de “primeiro etnólogo, no sentido

moderno”, pelo livrinho de sua autoria sobre “as principais instituições, costumes e opiniões dos povos selvagens” publicado em 1760, explicou as analogias culturais de diferentes regiões afirmando que o intelecto tinha de se desenvolver, em tôda parte, mais ou menos da mesma maneira; acresce que tem sido Bastian quem “deu a esta idéia sua forma filosófica”.

Em artigo homenageando Bastian pelo seu septuagésimo aniversário, a revista *Globus* (vol. LXX, 1896, p. 2) fala em “uma influência decisiva” da psicologia de Joh. Friedr. Herbart (1776-1841) sobre êle no atinente à passividade do indivíduo no processo do pensamento, mencionando, ainda, que essa influência também se manifesta na *Zeitschrift für Völkerpsychologie und Sprachwissenschaft* de Lazarus und Steinthal, cujo primeiro volume saiu quase simultâneamente com *Der Mensch in der Geschichte*.

Mühlmann (1948, p. 97), por sua vez, considera esta obra como escrita no “espírito dos Herder e W. v. Humboldt”, frisando (p. 69) a importância metodológica do último, que, como criador do conceito de “Völkerpsychologie”, procurou elucidar a psique dos povos pelo estudo da língua.

Convém lembrar, porém, que o próprio Bastian (1860, vol. I, p. V) dedicou aquêle seu livro à memória de Alexander von Humboldt que, como declara o autor, estimulou, pouco antes de morrer, com “palavras benévolas” a elaboração de “estas considerações psicológicas”. Enquanto a influência de Wilhelm von Humboldt sobre Bastian atingiu aspectos teóricos, a do irmão Alexander foi mais ampla e mais direta. Êste procurou dar em *Kosmos*, sua obra prima, uma sinopse de tudo o que podia observar e ler, nos campos das diversas disciplinas científicas de sua época, a fim de revelar as leis do universo e harmonizar conceitos da filosofia idealista com os das ciências naturais exatas. Bastian, embora apareça, comparado com Alexander von Humboldt, o universalista, já como especialista na qualidade de etnólogo profissional, vive tôda sua vida impellido pelo mesmo espírito omni-integrante que levou aquêle a nunca se cansar de colhêr material de tôda espécie em suas viagens sensacionais pelo Nôvo e pelo Velho Mundo, de ser ao mesmo tempo grande explorador e erudito por excelência e de fixar o máximo de dados em numerosas publicações. Êsse espírito faz o bremense supor a lei geral acima mencionada pela qual surgem as “idéias elementares” e declarar que sòmente a psicologia, “ciência do futuro”, seria capaz de conciliar “a crença com o saber” para fundamentar uma visão uniforme do mundo (*ib.*, p. XIII). Ainda no fim de sua existência, Bastian (1903, p. 204), recomendando a aplicação da psicologia como ciência natural ao campo das ciências do espírito, indica como alvo fazer a soma de tudo o que a humanidade pensou em qualquer época e em qualquer parte, a fim de obter com esta sinopse “as bases reais para responder objetivamente às questões surgidas das necessidades espirituais do homem”. Completando o quadro das semelhanças entre Bastian e Alexander von Humboldt podemos mencionar

que ambos eram macróbios, tendo até o seu fim a cidade de Berlim como residência fixa e, apesar de tornarem-se com os anos cada vez mais solitários, ambos nunca deixaram de estimular, eloqüentemente, as pesquisas de campo dos outros.

Dos adversários coevos de Bastian destaca-se o darwinista Ernst Haeckel, para quem as principais raças humanas descendiam de diferentes espécies de antropóides, hipótese oposta ao monogenismo do teórico das idéias elementares. Adepto da popularização de conceitos científicos e, portanto, cultivando um estilo fluente, Haeckel critica acerbamente também os maneirismos complicados da expressão de Bastian que, de fato, tornaram seus escritos cada vez menos compreensíveis. É comovente ver Bastian (1895 a), ainda como septuagenário, pedir desculpas pelas deficiências da forma, alegando falta de tempo pelo acúmulo de trabalho no decorrer dos anos. Continuava êle possuído pelo “espírito omni-integrante”.

Outros ataques vieram da parte dos difusionistas. Mas o velho Bastian (1898, pp. 322-323), numa espécie de testamento espiritual, declara conciliantemente ser tão importante e indispensável o estudo das idéias elementares como o dos empréstimos e transferências, não havendo, portanto, possibilidade de controvérsia a respeito; a tarefa mais urgente da nova geração seria, porém, aprofundar a etnologia por meio de monografias ao invés de fazer teorias precipitadas.

Segundo Lowie (1937, p. 37), “Bastian anticipated many of his successors. His gospel of saving vanishing data is Haddon’s; his insistence on *proof* of assumed historical connections coincides with Boas’; like Thurnwald and Radcliffe-Brown, he postulates laws of sequence; like Malinowski he would apply anthropology to colonial government. And what are his geographical provinces but the culture areas of later research? Add his unchallenged achievement of founding a great ethnographic museum, and it becomes intelligible that he loomed as a major figure of his time.”

Clyde Kluckhohn e Olaf Prufer (1959, p. 19), analisando as influências sobre Boas, acrescentam àquela enumeração citações de considerações de Bastian (1870, p. VIII) para mostrar que êste “believed that there are no racial types which determine culture” e que “he also rejects language as a classificatory criterion”, embora frisasse o valor da lingüística na pesquisa de “relações históricas” e “leis psicológicas”.

No atinente à sucessão bastiana na psicologia moderna lembra Mühlmann (1948, p. 181) que C. G. Jung, na sua hipótese de um “inconsciente coletivo”, se liga expressamente às “idéias elementares”.

Na campanha empreendida por Bastian para colhêr quanto antes todos os dados acêrca das culturas em vias de desaparecimento surgiu, recentemente, Robert Heine-Geldern como líder continuador organizando o International Committee on Urgent Anthropological and Ethnological Research.

BIBLIOGRAFIA

Obras de Bastian

1860. *Der Mensch in der Geschichte. Zur Begründung einer psychologischen Weltanschauung.* 3 volumes. I. Die Psychologie als Naturwissenschaft. II. Psychologie und Mythologie. III. Politische Psychologie. Leipzig.
1868. *Das Beständige in den Menschenrassen und die Spielbreite ihrer Veränderlichkeit. Prolegomena zu einer Ethnologie der Kulturvölker.* Berlin.
1870. *Sprachvergleichende Studien.* Leipzig: Brockhaus Verlag.
1874. *Offener Brief an Herrn Prof. Dr. E. Haeckel, Verfasser der "Natürlichen Schöpfungsgeschichte".* Berlin.
1875. *Schöpfung oder Entstehung?* Jena.
- 1881a. *Die heilige Sage der Polynesier.* Leipzig.
- 1881b. *Der Völkergedanke im Aufbau einer Wissenschaft vom Menschen und seine Begründung auf ethnologische Sammlungen.* Berlin.
- 1881c. *Die Vorgeschichte der Ethnologie.* Berlin.
1884. *Allgemeine Grundzüge der Ethnologie. Prolegomena zur Begründung einer naturwissenschaftlichen Psychologie auf dem Material des Völkergedankens.* Berlin: Reimer.
1886. *Zur Lehre von den geographischen Provinzen.* Berlin.
1893. *Kontroversen in der Ethnologie.* I. Die geographischen Provinzen in ihren kulturgeschichtlichen Berührungspunkten. II. Sociale Unterlagen für rechtliche Institutionen. III. Über Fetische. Berlin: Weidmannsche Buchhandlung.
- 1895a. *Ethnische Elementargedanken in der Lehre vom Menschen,* 2 vols. Berlin: Weidmann.
- 1895b. *Zur Lehre vom Menschen in ethnischer Anthropologie,* 2 vols. Berlin: D. Reimer.
1898. Elementargedanken und Entlehnungen. *Globus.* 74: 322-323.
1903. *Die Lehre vom Denken,* 1. Teil. Berlin.

Obras sobre Bastian

- Birket-Smith, Kaj 1946. *Geschichte der Kultur. Eine allgemeine Ethnologie.* Zürich: Orell Füssli Verlag. — (Versão portuguesa: *História da Cultura.* São Paulo: Companhia Melhoramentos.)
- Jensen, Ad. E. 1963. Mythos und Erkenntnis. *Paideuma* 9: 63-75.
- Kluckhohn, Clyde, and Prufer, Olaf 1959. Influences during the formative years. In Goldschmidt, Walter (editor), *The Anthropology of Franz Boas. Essays on the Centennial of his birth. Memoir N.º 89 of the American Anthropological Association.*
- Lowie, Robert H. 1937. *The history of ethnological theory.* New York: Rinehart & Company.
- Mühlmann, Wilhelm E. 1938. *Methodik der Völkerkunde.* Stuttgart: Ferdinand Enke Verlag. 1948. *Geschichte der Anthropologie.* Bonn: Universitäts-Verlag.
- Sellnow, Irmgard 1961. *Grundprinzipien einer Periodisierung der Urgeschichte.* Berlin: Akademie-Verlag.
- Steinen, Karl von den 1905. Gedächtnisrede auf Adolf Bastian. *Zeitschrift für Ethnologie* 37: 236-249.